



---

## DE HUGO A MURIEL: PODER E PERFORMATIVIDADE NO PROCESSO DE *ORGANIZING* POR MEIO DA PRESCRIÇÃO DESCRITIVA DINÂMICO-CÍCLICA

ADRIANA VINHOLI RAMPAZO  
LUIZ EDUARDO PEREIRA BATISTA

Artigo convidado e aceito para publicação em 29/08/2022  
DOI: 10.5433/2318-9223.2021v9n1p111-133

### RESUMO

O objetivo deste artigo é entender de que forma o processo de *organizing* por meio da interação entre poder e performatividade pode contribuir para as lutas sociais em nossa realidade dicotômica, a partir das contribuições de Butler e Foucault. Para tanto, foi necessário resgatar e desconstruir a ideia canônica de linguagens descritivas e prescritivas, uma vez que o poder e a performatividade são exercidos através da linguagem. Na fase empírica, tomamos quatro fontes diferentes de discursos da cartunista Laerte, escolhida pela sua transformação de homem para mulher. A esses discursos aplicamos a Análise de Discurso de Perspectiva Foucaultiana, emergindo três estágios diferentes que nos mostram como performatividade e resistência podem ser realizadas em um processo de *organizing*: (i) o reconhecimento da existência do sistema binário e seus obstáculos estático-lineares do *status quo*; (ii) o empoderamento da linguagem prescritiva estática do desejo com uma linguagem prescritiva dinâmica contra os sistemas binários; e (iii) o exercício da performatividade dinâmico-cíclica, exercendo poder de transformação social.

**PALAVRAS-CHAVE.** Discurso. Linguagem. *Organizing*. Performatividade. Poder.

### FROM HUGO TO MURIEL: POWER AND PERFORMATIVITY IN THE PROCESS OF ORGANIZING THROUGH DYNAMIC-CYCLIC DESCRIPTION

### ABSTRACT

Our purpose is to understand how the organizing process can contribute to social struggles in our dichotomous reality through the interaction between power and performativity. For this, we based ourselves on the contributions of Butler and Foucault. Therefore, we considered it necessary to rescue and deconstruct the canonical idea of descriptive and

prescriptive languages since it is through them that the exercise of power and performativity happens. In the empirical phase, we took four different sources of discourses by the cartoonist Laerte, chosen for her transformation from man to woman. To these discourses, we applied the Foucaultian Perspective Discourse Analysis, from which emerged three different stages that showed us alternatives for performativity and resistance in an organizing process: (i) The recognition of the existence of the binary system and its static-linear obstacles to status quo; (ii) The empowerment of the static prescriptive language of desire with a dynamic prescriptive language against binary systems; and, (iii) The exercise of dynamic-cyclic performativity, exerting the power of social transformation.

**KEYWORDS.** Discourse. Language. Organizing. Performativity. Power.

## INTRODUÇÃO

Nas construções científicas, tendemos a dicotomizar conceitos como a necessidade de categorizações analíticas do conhecimento. Em razão disso, o ponto de convergência – que é a linguagem – também é dicotomizado, por sua vez, nessa analítica. Assim, percebemos que existe, *a priori*, uma função linguística presente nas relações de poder e outra presente na performatividade. A primeira é considerada descritiva e diz como as coisas são, enquanto a última é visada como prescritiva e diz como as coisas deveriam ser (Heilman, 2001; Longino et al., 2002).

É nesse contexto que traçamos o objetivo neste artigo de entender de que forma o processo de *organizing*, por meio da interação entre poder e performatividade, pode contribuir para as lutas sociais nesta realidade dicotômica. Para tanto, nos baseamos nas ideias centrais de Foucault e Butler, a fim de interconectá-las e de criar novos conceitos para o processo dinâmico de *organizing*. Para alcançar nosso objetivo, precisamos desenvolver explicações sobre essas duas questões centrais: poder e performatividade. Tendo em mente essa finalidade, devemos pôr em discussão a presença da linguagem, já que ambas as questões são baseadas nela para sua existência. É importante enfatizar que, de forma alguma, pretendemos dissociar esses dois conceitos um do outro, pois, para organizar a existência, os dois andam de mãos dadas, imbricados em um monismo.

Seguindo os apontamentos de Butler (2018) de que o gênero pode nos oferecer um ponto de partida para pensar sobre poder, atuação e resistência, na fase empírica, tomamos quatro fontes diferentes de discursos da cartunista Laerte, escolhida pela sua transformação de homem para mulher. A esses discursos aplicamos a Análise de Discurso Foucaultiana, emergindo três estágios diferentes que nos mostram como performatividade e resistência podem ser realizadas em um processo de *organizing*.

---

## EMBASAMENTO TEÓRICO

A construção de nossa problematização teórica se dá fortemente nos pensamentos butleriano e foucaultiano. Como nosso objetivo consiste em entender de que forma o processo de *organizing*, por meio da interação entre poder e performatividade, pode contribuir para as lutas sociais em nossa realidade dicotômica, abordamos a construção dos conceitos de poder e performatividade, considerando as nuances da linguagem, uma vez que esta é elemento constitutivo dos dois conceitos em questão.

### PODER E PERFORMATIVIDADE

Por meio da linguagem, as relações de poder permitiram a existência de um projeto que iniciou a era moderna, destacando os aspectos que envolvem o sexo, criando neste ponto um dispositivo que, ao multiplicar os discursos sobre sexualidade, buscou legitimar o conhecimento sobre ele (Foucault, 1990). Assim, a ciência pretende provocar uma multiplicação de discursos sobre o sexo na sociedade ocidental a partir dos séculos XVI e XVII, os quais, ao definir o sexo, acabam escondendo-o. Essa é a estratégia de nomear, por exemplo, "homossexualismo". Esse dispositivo leva os indivíduos a confessarem e exporem seus prazeres, estabelecendo uma relação de poder na qual o confessor se expõe, produzindo também um discurso sobre si mesmo, enquanto o ouvinte interpreta, redime, condena e domina de acordo com sua própria visão (Foucault, 1990). Essa possibilidade, como mostra Foucault (1987), deve-se a intenções econômicas em que a vigilância se destaca pela punição, e isso é solicitado quando a primeira fracassa, embora a última a utilize de maneira panóptica. Neste contexto, o poder microfísico de Foucault (1980, 1990) é aquele cujos dispositivos visam atribuir aos corpos uma realidade analítica, visível e permanente, enraizada em corpos e comportamentos, tornando-o princípio de classificação e compreensão, construindo pela razão de ser e em uma ordem natural de desordem. Assim, esse poder não visa a destruição desses corpos, mas sua docilização, já que o poder só faz sentido a partir da existência de um corpo a ser aplicado. Por essa razão, a ideia de resistência como poder contra o poder é importante (Foucault, 1990).

É essa perspectiva que tomamos para estabelecer os fundamentos de controle presentes nas reproduções dos discursos da sociedade ocidental judaico-cristã, uma vez que entendemos que o discurso sempre se dá em razão das relações de poder (Foucault, 1987). É importante ressaltar que, para Foucault (1990), às vezes esse poder tem até a função de prevenir, censurar, proibir, mas, além disso, tem esse caráter principal de produzir e produz porque sua legitimidade é sustentada pelo saber.

Nesse sentido, somos corpos como substâncias discursivas não ontologizadas. Vamos praticar nossas interações sociais numa prática discursiva que nos dá a existência nunca antes, mas sempre dentro da interação. Uma boa maneira de trazer luz ao nosso processo de existência é invocar a dobra de Deleuze (1988) pelo qual o processo de subjetivação ocorre. Os discursos convergem e lutam por espaço no conceito de relações de poder. No entanto, existe um tipo de superfície, onde eles deslizam e ganham significado através da tensão. À medida que os discursos criam tensão, eles começam a criar uma espécie de invaginação, uma prega mais profunda, que une as duas extremidades da superfície da dobra. É assim que nosso corpo é criado.

No entanto, a conceituação do discurso como prática social, já exposta por Foucault (1986), torna-se muito mais emblemática ao enfatizar a ideia de que o discurso seria sempre produzido por relações de poder (Foucault, 1987). Nesse contexto, nossos corpos são construídos por meio de discursos e esses discursos estão inseridos em um contexto de conhecimento. Como consequência, esse conhecimento é legitimado pelo poder que, por sua vez, produz conhecimento que o legitima. Se tomarmos essa lógica do conhecimento como um pressuposto, podemos entender que, em um ambiente organizacional, a manutenção dos corpos dos participantes dele é influenciada pela interação dos vários territórios que esses participantes ocupam, incluindo a própria organização. A organização como espaço de discurso (e como discurso em si) participa da manutenção dos corpos.

Além do poder, nossa segunda interação com a linguagem é a performatividade. Para abordá-lo, devemos considerar a linguagem através das contribuições de Austin (1976). Para ele, o ato de fazer pode ser possível através do ato de dizer. Nesse sentido, a linguagem assume uma potencialidade que vai além de suas primeiras funções linguísticas para declarar o verdadeiro ou o falso. Para Austin (1976), a ideia de linguagem é muito maior do que o que ele chama de enunciados declarativos. A linguagem tem valor performativo, isto é, a linguagem ocorre através de atos. Este aspecto performativo da linguagem é oposto ao aspecto constativo, uma vez que as declarações não descrevem, não são nem verdadeiras nem falsas. Assim, enunciados em sua performatividade são classificados como satisfatórios ou insatisfatórios, ou, como aponta Felman (1980), de acordo com as circunstâncias em que são proferidas, as afirmações são condicionadas ao sucesso ou ao fracasso.

Giddens (1984) considera que a agência consiste não apenas na intenção que os indivíduos possuem de realizar coisas, mas em sua capacidade de fazer tais coisas em primeiro lugar, o que implica poder: segundo ele, a palavra “agente” significa aquele que exerce poder ou produz um efeito. No entanto, buscando agência dentro de um processo, para Butler (2004), o impulso da agência é o desejo. A consciência, na teoria de Butler, não controla ou dirige o desejo, uma vez que a consciência é condicionada pelo desejo. É por isso que é possível deixar de lado o conceito de organização e adotar a *organizing* como um processo.

O intuito funcionalista de *organizing*, cujas práticas, de acordo com Jarzabkowski e Fenton (2006), envolvem a criação de estruturas e processos de coordenação pelos atores internos da organização, contribui para o estabelecimento da identidade, da cultura e dos interesses organizacionais.

Com o conceito refinado por um posicionamento mais crítico, segundo Czarniawska (2013), o foco da teoria da organização está situado no processo da composição de ações interdependentes em curso, cujos resultados são ciclos interconectados, possibilitando a atribuição de laços causais e não a progressão linear de causas e efeitos. Assim, as organizações passam a ser abordadas como “realizações ou resultados de processos heterogêneos contínuos e precários aparentando estabilidade” (Duarte & Alcadipani, 2016, p. 57).

Como exemplo do conceito aplicado, para Santos e Helal (2018),

O conceito de *organizing* permite entender as comunidades de cultura popular, como o maracatu, enquanto organizações, uma vez que compreende o processo organizativo como categoria central. [...] A organização é o ponto de chegada das práticas desenvolvidas, e não deve ser entendida como o ponto de partida da análise organizacional, como a teoria organizacional tende a considerar. Ou seja, o que devem ser analisadas são as práticas que constituem certa ordem organizativa, não a organização enquanto entidade (Santos & Helal, 2018, p. 633).

Estabelecida a ideia de *organizing*, passemos à compreensão de como ela se dá pela performatividade. Para tanto, a primeira questão é que o desejo aparece como a condição da possibilidade da consciência reflexiva, pois, sem ela, a consciência não poderia superar o obstáculo construído pelas relações de poder. Segundo Butler (1993, 2003, 2004), esse processo ocorre por meio da atividade linguística, que é atravessada por discursos e, portanto, poder, que normalizam, através de expectativas de descrições anteriores, os limites e possibilidades que os sujeitos têm de performar na vida social.

Assim, como Rajagopalan (1996) aponta, a linguagem não é mais um simples instrumento de comunicação. Na verdade, como a linguagem tem a possibilidade de se tornar discurso (Barad, 2003), ela é um fenômeno poderoso em si, não relacionado à vontade humana ou consciente, pois o desejo, para Llanos (2010), é usado para entender como os sujeitos podem transpassar suposições descritivas imperativas para prescrever subjetivamente sem corresponder aos modelos descritos pelas relações de poder.

Num primeiro momento, a ideia de que a linguagem do discurso das relações de poder é descritiva e a linguagem do discurso da performatividade é prescritiva pode soar um tanto quanto estranha. No entanto a próxima seção pode nos ajudar a compreender o nosso intuito aqui.

## PRESCRIÇÃO E DESCRIÇÃO

Entendemos que a dicotomia da linguagem, constituída por relações de poder, pode ser apresentada, a princípio, como prescrição e descrição. Esta última é considerada a manifestação linguística da realidade, enquanto a primeira é uma manifestação linguística de um universo paralelo da realidade das idealizações (Heilman, 2001; Longino et al., 2002). Em seu trabalho sobre gênero, Heilman (2001) entende que tanto a descrição quanto a prescrição produzem estereotipação, mas de modos diferentes. Enquanto a estereotipação descritiva, nas palavras de Heilman (2001), dita como as mulheres como um grupo são, de acordo com a expectativa da sociedade, a estereotipação prescritiva dita como as mulheres como um grupo deveriam ser.

No entanto, como nossa intenção principal é apresentar como a interação entre poder e performatividade nos leva a uma compreensão do processo de *organizing*, precisamos desconstruir essa dicotomia entre descrição e prescrição da linguagem usando seu próprio poder e sua própria performatividade. Apresentamos abaixo os argumentos para essa desconstrução.

Primeiro, abordando a questão da descrição, entendemos que ela representa discursivamente, de fato, as relações de poder, uma vez que elas tendem a manter a estática da realidade à medida que mantêm o *status quo*. Ao contrário da prescrição, a descrição não requer a mudança dinâmica do estágio inicial para o estágio ideal. A descrição só mantém a docilização de corpos por meio da linguagem do mundo moderno como já se tem sido. Descrição é uma representação linguística estática que delimita como um modelo diferencia o verdadeiro do falso. As relações de poder são descritivas, uma vez que elas pretendem, segundo Foucault (1990), inscrever sua suposta verdade nos corpos a que dão existência. É assim que se tornam descritivos porque determinam, por exemplo, a cultura de uma organização por meio dos hábitos inscritos nos corpos dos participantes.

A descrição como dispositivo de poder mantém o *status quo* pelo seu caráter estático de modo artificial. Como dependemos das interações sociais por meio da linguagem, ela só pode desempenhar seu papel por causa de sua capacidade de representação (Chia, 2011). Essa habilidade também pode ser encontrada no trabalho de Lèvy (2011) como virtualização. Em ambos os casos, recorreu-se à elasticidade da linguagem, atribuindo significados aos significantes e significantes aos significados para o exercício de nossa comunicação. No entanto, como Chia (2011) aponta, essas atribuições linguísticas são criações estáticas que representam a realidade dinâmica. Dessa forma, tanto a representação quanto a virtualização se afastam da realidade precisamente por causa de sua capacidade elástica. Esta questão está muito presente na linguagem descritiva, uma vez que usamos sinais –

linguísticos ou imagéticos – para reproduzir uma tentativa fiel de realidade. É por isso que a "organização" do signo linguístico estático não permite uma representação fiel da dinâmica presente em sua realidade.

A fotografia pode representar discursivamente uma pessoa. Ela pode ser, pelo seu aspecto virtual, carregada, compartilhada, distribuída. Mas, pelo menos, dois fenômenos lhe ocorrem para afastá-la da realidade: (i) ela está parada no tempo como todos os signos estão no momento de codificação ou recodificação; e (ii) como a gravura de um cachimbo, a foto é apenas a virtualização de um objeto real.

Concordamos com Heilman (2001), em relação ao fato de a descrição, posta como está, venha a criar à sociedade, expectativas de comportamentos. É justamente em razão disso que consideramos que a linguagem descritiva é um dispositivo das relações de poder, sobretudo, por ser um discurso que se sobreporá sobre os outros como as descrições de gênero do sistema binário hegemônico. Nesse ponto, portanto, levantamos a suposição de que uma linguagem descritiva, fruto de relações de poder, também desempenha um segundo e forte papel: a prescrição.

Por outro lado, a linguagem prescritiva em si é, supostamente, prévia à realidade. “No princípio criou Deus os céus e a terra. A terra era sem forma e vazia; e a escuridão estava na face do abismo. E o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas. Então Deus disse: ‘Haja luz’; e houve luz. / E Deus viu a luz, que era boa; e Deus dividiu a luz das trevas. Deus chamou o dia da luz e a escuridão chamou Noite. / Então a tarde e a manhã foram o primeiro dia” (Bíblia de Estudo MacArthur, 2010). Essa passagem, que abre o livro de Gênesis, mostra como a linguagem possibilitou a criação do dia e da noite pelo Deus bíblico no “primeiro ato performativo” (Butler, 2018) entre a linguagem descritiva - representativa e virtual - e a linguagem prescritiva - e ideal.

No entanto, a própria linguagem prescritiva também é, como a descritiva, reduzida à sua capacidade de representação ou virtualização, uma vez que apenas consiste em signos para comunicar como deveria ser a realidade dentro das relações de poder. É necessário, portanto, antecipar que não estamos no modelo kantiano da razão quando nos referimos à prescrição. O que queremos é nos apropriar da prescrição à realização da ideia de Lèvy (2011). Se nos questionarmos sobre qual é o elemento que transforma tanto a linguagem descritiva e a prescritiva (ambas virtualizações da realidade) em realidade, perceberemos que esse elemento central é o poder.

O poder quebra o afastamento representativo de Chia (2011) ou virtual de Lèvy (2011) da realidade e, como dociliza os corpos na sua estática pretendida pelo *status quo*, imbrica tanto descrição como prescrição num único tipo de linguagem. O que nos está faltando neste momento é entender como esse processo de "abracadabra" acontece.

Como a performatividade é o exercício da própria existência dos sujeitos (Butler, 1993), a linguagem prescritiva, livre de cooptação pela descrição, ajuda a realizar esse exercício removendo a organização dos sujeitos de seu estado descritivo, levando-os a uma organização prescritiva de seu próprio desejo. É nesse ponto que a linguagem deixa de ser estática e se torna dinâmica. Entendemos, portanto, que essas relações de poder são representações virtuais do mundo real, pois estabelecem os sistemas binários que trazem a organização deste mundo. Por outro lado, a performatividade é o exercício da resistência a esse binarismo, prescrevendo a nova existência para além da descrição já feita pelas relações de poder. Para que a linguagem atinja essa modalidade de prescrição e, ao mesmo tempo, seu segundo papel de descrição da realidade, por meio da performatividade, supõe-se que ela esteja carregada de uma agência. Para Butler (1997), a agência é a construção do próprio sujeito para além do que é normalizado (primeiro descrito e depois prescrito) pelas relações de poder.

Assim, diferentemente da fotografia, a metáfora da prescrição performativa é o espelho, uma vez que é por meio dele que o sujeito pode exercer sua agência a partir de seu próprio ponto de vista de modo dinâmico. Em Butler (1997), o pressuposto da agência é o desejo. Portanto, o desejo é o primeiro elemento constituinte da performatividade. É o desejo que prescreverá, até mesmo de modo inconsciente, a performatividade dos sujeitos. A agência contratada pela performatividade atua a partir do desejo de romper com as relações de poder do *status quo*. Para que esta agência atinja seus objetivos de ruptura, é necessário que a linguagem prescritiva utilizada por ela seja, de fato, dinâmica para dar existência às transformações pretendidas. Assim, o segundo elemento que permitirá o exercício da agência e a existência da performatividade é poder. Como o poder rompe com a dicotomia entre descrição e prescrição, também é ele que romperá com a dicotomia entre prescrição e descrição. É por isso que a performatividade atinge uma dimensão política, permitindo processos de transformações sociais, cujo foco aqui recai sobre o empoderamento das minorias.

Não consideramos, portanto, uma lógica linear em que a descrição da realidade, falsamente requer uma prescrição ideal para a evolução da sociedade moderna. Entendemos que há a possibilidade de um ciclo ininterrupto, entre prescrição e descrição, levando a sociedade à uma mudança, dinâmica, constante e radical em rejeição ao *status quo*. A alegoria bíblica, assim trazida por Butler (2018), pode então ser entendida como um começo de escuridão caótica, descritiva e estática, que determina, pelo seu poder, as condições caóticas. Do desejo de Deus pela luz, na performatividade exercida na ação divina pela linguagem prescritiva cheia de poder "Fiat lux!" –, a luz surgiu e Ele viu que era bom.

Como não somos o Deus bíblico, precisamos usar o poder na agência por meio de um método. Nossa sugestão neste contexto de ruptura com as relações de poder do *status quo* é a desconstrução derridariana. Como a linguagem descritiva pretende representar a realidade exercida por uma lógica de relações de poder, o contexto no qual a existência dessa relação é



permitida é baseado em sistemas binários. É por meio destes sistemas que é possível posicionar hierarquicamente dicotomias como homem e mulher, preto e branco, mente e corpo na linguagem descritiva. Essas posições hierárquicas permitem a descrição estática pseudonaturalizada do mundo dinâmico. Segundo Derrida (1972), esse binarismo traz a lógica da relação entre uma coisa posicionada centralmente e seu oposto subordinado. Ou, como Grosz (2000) prefere, os elementos binários são hierárquicos. Assim, o uso do exercício de desconstrução transporta o poder da linguagem estático-linear para uma linguagem dinâmico- cíclica baseada no desejo.

A importância de reconhecer a existência desse sistema binário com seu poder produtivo para manter o *status quo* é fundamental para a possibilidade de desconstrução. Segundo Derrida (1972), a lógica binária pode ser desconstruída por meio de um processo que desestabiliza a hierarquia de pares. Portanto, a performatividade pode seguir três etapas para a realização de suas propostas de ruptura: (i) o reconhecimento da existência do sistema binário e seus obstáculos estático-lineares do status quo; (ii) o empoderamento da linguagem prescritiva estática do desejo com uma linguagem prescritiva dinâmica contra os sistemas binários; e (iii) o exercício da performatividade dinâmico-cíclica, exercendo poder de transformação social.

Assim, enquanto as relações de poder ocorrem por meio da descrição representacional estática que prescreve a dinâmica docilizada da realidade, a performatividade empoderada apresenta a dinâmica e a transformação do mundo real por meio da linguagem prescritiva que descreve a realidade desejada. Para que tal fenômeno ocorra, a presença desses dois elementos constituintes é necessária: desejo e poder. Do desejo, o poder (que antes só mantinha o *status quo* na linguagem descritiva) agora possibilita a transformação da realidade através da linguagem prescritiva na performatividade. É importante buscar o poder da linguagem descritiva para a linguagem prescritiva a fim de trazer a consciência para um desejo que não tem compromisso com a consciência. O “Abracadabra” ocorre nos três estágios mencionados anteriormente e isso será empiricamente demonstrado nas seções seguintes.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como nosso objetivo é entender o processo de *organizing* por meio da interação entre poder e performatividade como suporte para as lutas sociais, escolhemos a personagem Laerte como importante representante para demonstração da teoria invocada. Como cartunista e cidadã, Laerte apresenta-nos a sua passagem do corpo de homem para o corpo de mulher paralelamente ao exercício produtivo da sua profissão. A artista exerce sua performatividade

por meio da linguagem necessária para a sua produção, o que permite que ela agencie o seu desejo.

Para encontrarmos os mecanismos que nos permitissem demonstrar empiricamente nossa pretensão, utilizamos as narrativas de Laerte sobre sua própria performatividade presentes no documentário em três fontes diferentes: “Laerte-se” (2017) lançado no Brasil pela Netflix, sua entrevista no canal do YouTube “Roda Viva” em 2012 e outra entrevista, também acessível pelo YouTube, para o programa “De Frente com Gabi” em 2013. Nesses três momentos, ela nos conta, após sua transformação, como sua organização está envolvida em sua performatividade com poder.

De acordo com nosso suporte teórico, entendemos como necessário apontar a linguagem como fonte de performatividade. Assim, integramos alguns de seus quadrinhos produzidos durante essa transformação por ela mencionada, para mostrar essa influência discursiva. Esses quadrinhos estão disponíveis no site <http://www2.uol.com.br/laerte/>.

A essas quatro fontes mencionadas, foi aplicada a Análise do Discurso de Perspectiva Foucaultiana, a qual nos inspiramos em *A Arqueologia do Saber* (Foucault, 1986) e *A Ordem do Discurso* (Foucault, 1996) com o intuito de desvelar as relações de poder e elementos da performatividade que dessem apontamentos para a transformação de Laerte. Num primeiro estágio, assistimos aos três vídeos diversas vezes, transcrevendo trechos que pudessem ser sustentados ou que, pelo menos, exemplificassem nossa teoria. O segundo estágio consistiu em buscar dentre as várias histórias em quadrinhos, aquelas que eram diretamente ou indiretamente mencionadas pelos trechos transcritos. A terceira etapa envolveu o estabelecimento de uma relação histórica e de poder entre os objetos, permitindo uma costura entre eles, demonstrada na seção seguinte.

Nessas várias retomadas que foram dadas a esses objetos, com o intuito da busca pelos elementos propostos e por meio da abordagem apresentada, encontramos três momentos específicos que caracterizam o processo de *organizing* na transformação de Laerte, já apontados na nossa sugestão teórica: (i) o reconhecimento da existência do sistema binário e seus obstáculos estático-lineares do *status quo*; (ii) o empoderamento da linguagem prescritiva estática do desejo com uma linguagem prescritiva dinâmica contra os sistemas binários; e (iii) o exercício da performatividade dinâmico-cíclica, exercendo poder de transformação social.

## ANÁLISE DOS DADOS

As lutas sócio-políticas podem ser aqui abordadas pela proposta de análise que se segue. É claro que se trata de apenas uma sugestão de apreciação que não pretende exaurir a discussão da performatividade como luta, apropriando-se do conceito de *organizing*. No

entanto, nossa análise vale como ponto de suporte para o refinamento e fortalecimento de outras lutas, apesar de suas fragilidades que serão abordadas na sessão seguinte.

Como já mencionado, os dados foram organizados a partir da costura cronológica dos fatos relatos por Laerte, bem como exemplos de suas produções mencionadas direta ou indiretamente e divididos nos três estágios por nós sugeridos teoricamente. O primeiro estágio – o reconhecimento da existência do sistema binário e seus obstáculos estático-lineares do *status quo* – é marcado pela ideia de Foucault (1990) de um poder produtivo. Podemos perceber que a linguagem descritiva tenta representar o mundo, tomando por certo as relações naturalizadas de poder baseadas na lógica dos sistemas binários. Nas palavras de Laerte,

A necessidade de congruência dessas três camadas do ser humano sexo, gênero e orientação é uma gaiola... uma prisão... não faz sentido [...] Os papéis sociais que o homem... o macho se incumbem são absolutamente furados, são lendas [...] Quando eu me assumi como profissional de desenho eu já tinha colocado a homossexualidade debaixo de tapete, dentro do armário, já tava escondido e eu tava vivendo a expectativa de uma vida heterossexual [...] Eu também passei durante muito tempo submentendo meu trabalho à necessidade profissional de ganhar dinheiro em empresa... o desenho enquanto expressão absolutamente pessoal... enquanto expressão íntima de uma autora só veio aparecer bastante tempo depois [...] Eu tenho amigas trans que não contam nem pros filhos. Os filhos não sabem que elas se vestem assim (Laerte, 2012).

É possível perceber nessas passagens, que Laerte estava preocupada com a auto adaptação ao ambiente social em que se encontrava. Sua busca por legitimidade dentro dessas relações de saber-poder assume uma capacidade não tanto de proibi-la de exercer seu desejo, mas de produzir um homem adequado às demandas sociais de acordo com a maneira como o mundo é descrito e, portanto, prescrito. A preocupação em manter as aparências enquadradas no que ela chama de mitos, naquilo que não faz sentido, é uma questão de sobrevivência. Para existir, sobretudo, no exercício de sua profissão, ela colocou uma grande parte de si mesma "no armário" ou "debaixo do tapete", para viver "a expectativa de uma vida heterossexual". Assim, longe de ser meramente exercido por sua capacidade de proibição, o poder, inter-relacionado com a legitimidade do saber, exerce sua função principal de produzir (Foucault, 1990) e, ao fazê-lo, diminui a performatividade do desejo de Laerte, transformando-a em um homem heterossexual como prescreve a descrição estática do *status quo*.

Laerte é uma artista, trabalhadora, empresária, autônoma que produz quadrinhos para organizações. Como um corpo produzido como "homem" no contexto da heteronormatividade, esse modo de organização baseava-se nas premissas das relações de saber legitimadas pelo

mercado, para "ganhar dinheiro". A produção profissional de Laerte consistia, na época, em histórias em quadrinhos como as seguintes:

FIGURA 1



FONTE: UOL (2019)

FIGURA 2



FONTE: UOL (2019)

O trabalho de Laerte que seguimos aqui se refere ao personagem Hugo que, nas palavras do site da artista, “é um exemplar da raça humana, não muito exemplar. As grandes questões, como a vida, a morte e o sexo, o enchem de dúvidas. Os pequenos temas também. Ele tem um carro, uma namorada chamada Beth e um computador” (Laerte Coutinho, 2012).

As relações de saber-poder existem como acumulações históricas de práticas e entendimentos ao longo do tempo que estabelecem condições sobre a produção de corpos (Foucault, 1990). Laerte entende a docilização imposta em seu corpo e explica sua profissão da seguinte forma:

[O humorista] tem que necessariamente partilhar o repertório do ouvinte, ele tem que, necessariamente, falar com as convicções mais enraizadas do ouvinte, senão a piada não acontece. Daí porque existe muito frequente, dentro da produção humorística, em geral, a mensagem preconceituosa mesmo. Como o humor também se comporta de um jeito

inesperado, subversivo e manda ali a linguagem pra puta que pariu e bota tudo de perna pra baixo. Então essa subversão de certa forma redime a parte conservadora do humor. Eu acho, pelo menos, que o humor e os humoristas, de um modo geral, são muito dados ao conservadorismo (Laerte, 2013).

Para Foucault (1990), a episteme de cada época faz muito mais em refletir os entendimentos das relações de poder do que os cálculos racionais de eficiência. Apesar dos ambientes discriminatórios em que Laerte esteve nesta primeira fase de reconhecimento do poder binário no *status quo*, já era possível perceber que sua produção apontava algumas pistas para a performatividade que a artista levaria.

Nesse ponto, podemos perceber o início do segundo estágio: o empoderamento da linguagem prescritiva estática do desejo com uma linguagem prescritiva dinâmica contra os sistemas binários. Os seguintes quadrinhos mostram como o personagem Hugo já tinha essa inclinação

FIGURA 3



FONTE: UOL (2019)

FIGURA 4



FONTE: UOL (2019)

Nesse ponto, Laerte usa a linguagem para começar a produzir sua nova performatividade. Mesmo que não tenha sido controlado pela consciência, podemos perceber como o desejo

começa a direcionar sua agência contra o que as relações de poder-saber descrevem como verdadeiras. Para Butler (2004), o desejo é o motor da agência que acontece por meio de uma linguagem que rompe essas relações. No caso de Laerte, podemos entender que seu processo de *organizing* começa com um desejo e é conduzida pela linguagem o que, para Rajagopalan (1996), é além de nossas intenções conscientes. É aqui que a agência nasce. A partir das ideias de Butler, entendemos que a agência de Laerte acontece a partir de um propósito que não fazia parte da manutenção do *status quo* e que, ao mesmo tempo, externaliza um desejo inconsciente do próprio corpo.

Eu publiquei uma tira onde meu personagem Hugo, fazendo uma coisa inconsciente pra mim, se vestiu sem nenhuma piada. Porque normalmente ele se vestia porque tava fugindo da máfia, ou porque tava não sei o quê, mas era claro pelo gosto de se vestir. Mas nessa, ele simplesmente se vestiu e falou: “às vezes um cara tem que se montar”. E foi aí que essa minha amiga não se aguentou e me mandou um email: “você não quer conhecer pessoas que fazem isso?” eu falei: “Ah, beleza, vamos lá”. Depois de um processo lento eu me aproximei. Aí que conheci pessoas que invariavelmente contam que desde os 5, 6 anos de idade pegavam peças de roupa da irmã, da mãe, se vestiam escondidas, levavam tapas quando foram surpreendidas, aquela coisa toda... mas enfim... são experiências que começam nessa fase da vida. Eu gostava de muita coisa que fazia parte da cultura feminina que era costurar, mexer com comidinha, coisas assim, mas eu também jogava bola, eu também frequentava o universo dos meninos (Laerte, 2013).

FIGURA 5



FONTE: UOL (2019)

De certa forma eu tenho tentado me separar da minha produção de cartunista, eu tenho tentado ser eu. Eu sou assim e o que eu faço continua sendo o que eu faço. Mas essas coisas todas se comunicam, se tocam (Laerte, 2013).

O início da nova concepção de *organizing* de Laerte começa a tomar forma a partir do uso da linguagem empregada de forma prescritiva para a própria Laerte. O personagem Hugo não se apresenta a ela como a metáfora da fotografia, mas como a metáfora do espelho, uma vez

que ocorre por meio do desejo (inconsciente). Esses primeiros momentos de seu exercício no trabalho começam a refletir no contorno de sua própria existência, prescrevendo sua nova descrição, trazendo sua nova performatividade como pode ser percebida em seus discursos seguintes:

Eu abri uma porta que deu num corredor, que deu numa porta, que deu num pátio que deu num sei o quê. Voltar lá e reagitar o que eu tava fazendo não é que seja proibido nem que eu tenha esquecido, mas cadê tempo pra isso. De certa forma, eu mantive um personagem que é o Hugo, mas eu mantive por causa da relação da minha reflexão de todo dia. Alguns leitores se queixam que meu trabalho tá ficando militante demais, perdendo a graça, não sei o quê. Agora nas tiras da ilustrada eu tenho buscado uma expressão de um humor diferente. Eu não tô fazendo piada nem usando personagem, mas eu tenho tentado um humor diferente. (Laerte, 2012)

A primeira roupa que eu usei foi uma roupa que eu tirei na verdade. Foi o fato de eu ter tirado os meus pelos. O primeiro impacto dessa mudança, mais do que ter botado uma calcinha... quando eu tava ali ainda na maca e ela tirando... eu vi as partes de mim aparecerem... eu vi uma outra pessoa e eu queria me ver inteira... aí eu me vi e não acreditava... fiquei pulando assim... (Laerte, 2017).

É importante registrar que a performatividade de Laerte acontece em um contexto de dor devido à morte de seu filho. Além disso, as relações de poder não se dissipam, permanecendo em uma luta contra sua vida pessoal, mas não contra sua linguagem. O que podemos notar aqui é que a linguagem prescritiva empoderada vem em primeiro lugar no processo de *organizing*.

Da morte do meu filho até 2009, quando eu falei chega, vou virar mulher, vou entrar nessa viagem, se passaram coisas desse tipo assim, deixar a barba crescer, mudar meu trabalho de forma radical, abandonar os personagens, né. Eu digo abandonar porque é uma força de expressão. Deixar de lado o uso de personagens, deixar de lado o uso da construção do discurso cômico como fazia. Eu passei por essas coisas todas, né. Mas eu já tinha começado a me investigar como pessoa transgênero. E eu parei. Nesse ponto algum sininho tocou lá dentro quando meu filho morreu e eu achei que era... eu não sei... eu já me perguntei inúmeras vezes porque isso me soa impróprio. Por que mexer no meu trabalho de forma absolutamente imprópria não foi considerada imprópria e isso sim foi (Laerte, 2017).

Para isso, o uso da linguagem nesse processo é imprescindível, pois é na linguagem que a agência performativa butleriana atribui novos sentidos que, por sua vez, darão novo sentido às identidades e ações sociais. Assim, o recurso à linguagem é uma maneira de alinhar os significados da interação social necessária à possibilidade de processo de *organizing*. Isso é o que Laerte faz de modo contundente com seu personagem, uma vez Hugo, agora Muriel.

Onde eu fui parar? Eu fui parar em processos de criação antes de ser profissional, antes de entrar na vereda profissional... eu passei... ao fazer esse tipo de produção... eu passei a compreender algo que eu já compreendia, eu passei a compreender, na carne mesmo, que a profissionalização, no caso de trabalho, de criação, é construção de jaulinhas é construção de limites (Laerte, 2017).

Eu comecei a me vestir com roupas femininas muito comportadas, muito de senhora e aos poucos eu fui soltando a franga e entendendo que a roupa é uma expressão da pessoa e não do gênero modelar da pessoa. Eu posso querer ser uma mulher, mas eu sou Laerte. Vou ser sempre isso... mulher ou homem eu vou ser essa pessoa (Laerte, 2012).

Eu vejo esse momento como uma retirada de véus. O Hugo agora é a Muriel. Ele praticamente não aparece mais de Hugo. Quando eu virei a Laerte, ele também virou a Muriel (Laerte, 2017).

Nesse ponto, é possível entender como trazer poder à performatividade levou à atividade real de uma linguagem prescritiva em uma realidade dinâmica. Assim, iniciamos o terceiro estágio, que consiste no passo mais importante para a performatividade: o exercício da performatividade dinâmico-cíclica, exercendo poder de transformação social. Nesse estágio, a linguagem é usada para uma transformação coletiva contra as relações de poder presentes no *status quo*.

A grande dificuldade foi me entender me aceitar e começar a vivenciar a transgeneridade apoiada nas experiências das minhas amigas e de outras pessoas que faziam isso também... daí a importância dos clubes, da importância da internet, da importância da socialização (Laerte, 2012).

Apoio, socialização, filiação, relação, organização social... esses termos se apresentam como forma de compartilhamento de poder presente neste estágio contra um elemento essencial da descrição prescritiva estática do *status quo*: o individualismo. O dinamismo cíclico se dá coletivamente pelos corpos em aliança presentes em Butler (2018), que buscam sua insistência ontológica por meio dos territórios públicos.

O que se passava naquela época é que tinha uma agenda pautada por um certo programa de pensamento a que eu me filiei, mas que me era externo, era uma coisa que eu não tava vestindo, agora eu tô. Eu tô me mexendo, me movimentando e a partir do meu corpo literalmente, a partir do lugar em que estou. Eu estou aqui, eu invisto nessa e naquela direção eu me relaciono com essa e aquela pessoa, o que há de conectado nisso em termos de direitos, em termos de organização social. Então eu me sinto, de certa forma, muito mais segura (Laerte, 2012).



Podemos entender que a partir da agência performativa foi possível a Laerte aprimorar suas próprias ações, já que as atividades performáticas foram tarefas fundamentais que influenciaram significativamente seu processo de *organizing*, contribuindo na construção de novos sentidos para as transformações sociais.

E eu tenho feito uma lenta, porém segura incursão nesse mundo. Eu própria, junto com amigas, fundamos uma ong que chama ABRAT – Associação Brasileira de Transgêneros – cuja ideia é discutir, de levar esse debate a frente de outros. Eu tenho sido sim, saudada com carinho (Laerte, 2013).

Nesta terceira etapa, em que o processo de *organizing* é uma performatividade empoderada e compartilhada coletivamente, somos capazes de reconhecer que a mudança organizacional não pode ser entendida, como uma visão positiva-funcional, como um aspecto dentro do controle gerencial, uma vez que os sujeitos não são neutros. Portanto, nesse processo de *organizing*, eles podem concordar e resistir ao "grande discurso" das relações de poder.

Eu resolvi radicalizar coisas que eu tava fazendo em 2004. Caminhos que eu tava tentando assim... meio na área do menino obediente, sabe... eu tento porque sou uma criança talentosa, mas eu fico na tentativa porque eu sou obediente. Eu deixo no campo das tentativas e tal. De alguma forma eu comecei a ser essa mulher autônoma em relação ao meu trabalho, eu vou parar de ficar triscando e cavoucando e vou fazer de vez (Laerte, 2017).

FIGURA 6



FONTE: UOL (2019)

FIGURA 7



FONTE: UOL (2019)

Desse modo, os significados compartilhados na organização ou no ambiente estão inextricavelmente ligados aos quadros de referência que os sujeitos baseiam para lidar com as informações dos eventos que estão inscritos em seus corpos. No caso de Laerte, usar a linguagem do humor é uma possibilidade de poderosa agência performativa, já que o comediante pode dizer coisas que os outros não podem.

O discurso humorístico tem uma natureza que o coloca num campo especial. Você consegue insultar pessoas fazendo uma boa piada. No tempo em que havia bobo da corte, por exemplo,... o poder do bobo da corte era porque ele era ridículo... ninguém contestava um sujeito que era um anão, um deformado... usava aquela roupa de guizo (Laerte, 2012).

Em muitos de seus quadrinhos, podemos perceber essa apropriação de permissões humorísticas ridicularizando as atitudes que vão contra seu posicionamento. Dessa forma, a agência performativa de Laerte categoriza e classifica seus possíveis opositores ideológicos, inscrevendo em seus corpos, por meio do humor, significados extremamente pejorativos:

FIGURA 8



FONTE: UOL (2019)

FIGURA 9



FONTE: UOL (2019)

FIGURA 10



FONTE: UOL (2019)

No exercício da agência performativa, Laerte demonstra influenciar a construção de um discurso com elementos que sustentam a mudança a ser implementada. No caso de Laerte, ela diz:

Eu ainda tô aprendendo, não sei se já cheguei em algum lugar. O exercício dessa posição privilegiada de ser homem, branco, cristão, não foi um peso pra mim, não. De alguma forma, tava ligada a brigas e lutas contra preconceito e tal e tudo, mas era uma coisa meio externa. Eu tenho sido tratada na minha vivência de transgênero de uma forma bem melhor com que se trata transgênero, travestis e transexuais no Brasil. Se a pessoa não estiver banhada de alguma forma nesse mundo midiático, elas são literalmente chutadas por aí. Eu ouço histórias que são de arrepiar, até hoje e principalmente hoje, de certa fora parece que há recrudescimento. Quanto mais as pessoas se expõem e expõem a própria luta pelos direitos, parece que há um acompanhamento da reação troglodita (Laerte, 2013).

Neste terceiro estágio, Laerte foi capaz de exercer sua performatividade por meio da agência do poder. Assim, ela conseguiu contribuir para as transformações sociais lançando mão de uma linguagem prescritiva dinâmica. É no uso desses estágios com seus elementos constituintes que o processo de organização se torna possível.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Organização é um construto linguístico estático-descritivo criado dentro do contexto de relações de poder que visam manter o *status quo*. Esse construto, portanto, não reflete a dinâmica da ideia que pretende representar. É necessário considerar que a realidade é dinâmica; portanto, é ininterruptamente submetida aos processos de transformação.

É importante entender que esses processos precisam de um tipo de linguagem constantemente prescritiva e dinâmica, capaz de acompanhar as rupturas das relações de poder por meio da resistência. Essa linguagem deve ser capaz de dialogar com processos organizacionais, desconstruindo sistemas binários pré-estabelecidos e limitadores de existências.

O objetivo deste artigo foi entender como o processo de *organizing* ocorre por meio da interação entre poder e performatividade. A partir de contribuições teóricas de Butler e Foucault, entendemos que a resistência é um tipo de poder que deve ser usado para implementar a agência na performatividade. Dessa forma, as principais organizações que escapam do *mainframe*, hegemônico, podem encontrar formas de atuar por meio de sua performatividade dinâmico-prescritiva, transformando as relações sociais.

Os três estágios do processo de *organizing* apresentados por este estudo propõem como o ato performativo se dá discursiva e corporalmente, rompendo com uma descrição prescritiva e caminhando para uma prescrição descritiva. Esse processo rejeita, metaforicamente, a ideia estática de quadro e se aproxima à alegoria do espelho em que o próprio sujeito se cria e se recria dinamicamente.

Talvez a maior contribuição desse trabalho seja a reafirmação de um ideal de performatividade que recai sobre o contexto coletivo. Tal ideia contraria veementemente os pressupostos de individualismo da descrição prescritiva estático-linear do capitalismo, apontando para um exercício de poder social transformador presente nas lutas diárias.

Não podemos ignorar a situação de privilégio apontada pela própria Laerte. Este estudo precisa ser ampliado com as experiências das camadas ainda mais vulneráveis da nossa sociedade, verificando outros elementos necessários para o exercício da performatividade. Entender o processo de *organizing* das minorias mais subalternas é necessário para o refinamento tanto dos achados teóricos deste trabalho, quanto para lutas diárias da nossa existência.

## REFERÊNCIAS

- Austin, J. L. (1976). *How to do things with words*. 2. ed. Oxford/New York: Oxford University Press.
- Barad, K. (2003). Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 3(28), 801-831.
- Bíblia de Estudo MacArthur (2010). *1 Gênesis 1:5*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil
- Butler, J. (1993). Critically queer. *GLQ Journal of Lesbian & Gay Studies*, 17-32.
- Butler, J. (1997). *The psychic life of power: Theories in subjection*. Standford: Standford University Press.
- Butler, J. (2003). *Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2004). *Precarious Life*. New York and London: Routledge.
- Butler, J. (2018). *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Chia, R. (2011). Organization theory as a postmodern science. In H. Tsoukas & C. Knudsen. *The Oxford handbook of organizational theory: meta-theoretical perspectives*. Oxford: Oxford University Press, pp. 113-142.
- Czarniawska, B. (2013). Organizations as obstacles to *organizing*. In D. Robichaud & F. Coore (Eds.). *Organizations and organizing: Materiality, agency, and discourse*. New York: Routledge, pp. 3-22.
- Deleuze, G. (1988). *Foucault*. São Paulo: Brasiliense.
- Derrida, J. (1972). *Margens da filosofia*. Porto: Rés-Editora.
- Duarte, M. F., & Alcadipani, R. (2016). Contribuições do organizar para os estudos organizacionais. *Organizações & Sociedade*, (76), 57-72.
- Felman, S. (1980). *Le scandale du corps parlant: Don Juan avec Austin ou La séductions en deux langues*. Paris: Éditions du Seuil.
- Foucault, M. (1980). *Power/Knowledge: Selected Interviews and other Writings 1972-1977*. New York: Harvester Wheatsheaf.
- Foucault, M. (1986). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (1990). *The history of sexuality: An introduction*, v. I. Trans. Robert Hurley. New York: Vintage.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. 5ª. ed. São Paulo: Edições Loyola.
- Giddens, A. (1984). *The constitution of society*. Berkeley: University of California Press.
- Grosz, E. (2000). Corpos reconfigurados. *Cadernos Pagu*, (14), 45-86.
- Heilman, M. E. (2001). Description and prescription: How gender stereotypes prevent women's ascent up the organizational ladder. *Journal of social issues*, 57(4), 657-674.

---

Jarzabkowski, P., & Fenton, E. (2006). Strategizing and organizing in pluralistic contexts. *Long Range Planning*, 39, 631-648.

Lèvy, P. (2011). *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.

Llanos, G. C. (2010). *Decidimos, hacemos, somos: discurso identidades de género y sexualidades*. Cali, Colombia: Universidad del Vale.

Longino, H. E., Alcoff, L., Potter, E., Longino, H. E., Alcoff, L., & Potter, E. (2002). Subjects, power, and knowledge: Description and prescription in feminist philosophies of science. *Knowledge and inquiry: Readings and epistemology*, 385-404.

Rajagopalan, K. (1996). O Austin do qual a linguística não tomou conhecimento e a linguística com a qual Austin sonhou. *Cad. Est. Lin.*, 30, 105-116.

Santos, E. C. D., & Helal, D. H. (2018). Maracatu, Trabalho e Organizing. *RAC*, 22(4).

UOL. Laerte (2019). <http://www2.uol.com.br/laerte/>.

---

**INFORMAÇÕES ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS DA AUTORIA****ADRIANA VINHOLI RANPAZO**

Doutora em Administração, Universidade de São Paulo, Brasil.  
Docente no Departamento de Administração da Universidade Estadual de Londrina, Brasil.  
Docente no Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina, Brasil.  
ORCID iD: 0000-0001-8477-3964 | ID Lattes: 033193450830244  
E-mail: arampazo@uel.br (autora correspondente)

**LUIZ EDUARDO PEREIRA BATISTA**

Doutorando em Administração, Universidade Estadual de Maringá, Brasil.  
Mestre em Administração, Universidade Estadual de Londrina, Brasil.  
ORCID iD: 0000-0003-2604-1698 | ID Lattes: 4095350450895722  
E-mail: luizeduardo@gmail.com

**CONTRIBUIÇÃO E ATUAÇÃO EM ATIVIDADES DE AUTORIA****ADRIANA VINHOLI RANPAZO**

Contribuiu e atuou igualmente nas atividades envolvidas com Definições / Conceitos / Teorias, Pesquisa / Seleção / Organização / Administração dos Dados, Exame Pormenorizado / Avaliação Crítica / Validação dos Dados, Descrição e Delimitação dos Procedimentos Metodológicos, Responsabilização na Pesquisa Documentada no Artigo Submetido e Redação do Texto.

**LUIZ EDUARDO PEREIRA BATISTA**

Contribuiu e atuou igualmente nas atividades envolvidas com Definições / Conceitos / Teorias, Pesquisa / Seleção / Organização / Administração dos Dados, Exame Pormenorizado / Avaliação Crítica / Validação dos Dados, Descrição e Delimitação dos Procedimentos Metodológicos, Responsabilização na Pesquisa Documentada no Artigo Submetido e Redação do Texto.

**DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES DA AUTORIA****ADRIANA VINHOLI RANPAZO**

Declarou não possuir conflitos de interesse verdadeiro (factual), possível (potencial), de ordem financeira, de ordem pessoal, de ordem acadêmica, de ordem política e de ordem religiosa.  
Declarou possuir conflito relacionado à afiliação institucional.  
Além dos questionados, declarou não possuir outros conflitos de interesses.

**LUIZ EDUARDO PEREIRA BATISTA**

Declarou não possuir conflitos de interesse verdadeiro (factual), possível (potencial), de ordem financeira, de ordem pessoal, de ordem acadêmica, relacionado à afiliação institucional, de ordem política e de ordem religiosa. Além dos questionados, declarou não possuir outros conflitos de interesses.